

Algumas considerações sobre o CARNAVAL

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO
PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DE SÃO JOÃO DEL-REI/MG

Nesta época do ano alguém sempre se arrisca a dizer alguma coisa sobre o Carnaval. São lembrados os carnavais do passado, a etimologia da palavra, os diversos sambas de enredo, as marchinhas etc. Assim, dentro deste clima, auxiliado pelas considerações de Carlos Alberto Medina e pelas informações do nosso saudoso conterrâneo Sebastião de Oliveira Cintra, tentarei escrever alguma coisa sobre esta festa que em São João d'El-Rei ainda é um fenômeno que atrai turistas. É mister reconhecer que os festejos carnavalescos são-joanenses de um passado ainda recente eram bem mais animados e melhor organizados que os de hoje, por isso atraíam não só enormes levadas de visitantes, mas também obtinham uma grande atenção da mídia estadual e nacional.

Numa abordagem histórica/sociológica da festa podemos concluir que o termo se originou de "carnus navali", aquelas formidáveis festas dionisíacas da Antiguidade, quando a imagem de Dionísio era carregada em carros e desfilava pelas localidades; outros aceitam que o nome se origina de "carnem levare" ou "carne levarium", isto é, o "eliminar a carne" como indicativo da última festividade antes da abstinência de carne nos dias da Quaresma. Essa variante dialetal deu origem ao igual termo "carnevale", em italiano; supõe-se que a segunda parte do vocábulo pertença ao domínio popular, do latim "vale", ou seja "adeus", daí "carnevale", ou seja, adeus à carne!

O fato é que no Brasil o Carnaval começou com o Entrudo, que era uma festa alegre mas um tanto quanto violenta. Sebastião de Oliveira Cintra nos afirmou que "o Entrudo já causou muito rebulição no São João d'El-Rey de antanho". Em 1830, Debret já ilustra o Entrudo e o descrevia em seu diário: "O Carnaval do Rio e em todas as províncias do Brasil não lembra em geral nem os bailes, nem as cordões barulhentos de mascarados que, na Europa, comparecem a pé ou de carro nas ruas mais frequentadas... Os únicos preparativos do Carnaval Brasileiro consistem na fabricação de limões-de-cheira... objeto de diversão... entre

alegres manifestações dos negros já espalhados nas ruas... Vemo-los aí, cheios de alegria e de saúde... satisfazerem sua loucura com água gratuita e polvilho barato... vê-se grande quantidade desses projéteis hidróferos (limões-de-cheira) cruzando-se de todos os lados nas ruas da cidade e estourando contra um rosto, um olho ou um calo". Debret descreveu bem um limão-de-cera (ou limão-de-cheira): "simulação de laranja, frágil invólucro de cera de um quarto de linha de espessura e cuja transparência permite-se ver o volume de água que contém... a fabricação consiste simplesmente em pegar uma laranja verde de tamanho médio, cujo caule é substituído por um pedacinho de madeira de quatro a cinco polegadas que serve de cabo, e mergulhá-la em cera derretida... mergulha-se na água fria... parte-se em seguida o molde, ainda elástico, a fim de retirar a laranja e, aproximando-se as partes cortadas, solda-se o molde de novo com cera quente, tendo-se o cuidado de deixar a abertura formada pelo pedaço de madeira para a introdução da água perfumada com que deve ser enchida o limão-de-cheira".

Essa festa foi se tornando bastante popular, rompendo ainda que momentaneamente as divisões da sociedade. Ocorrendo na rua, permitiu a socialização da festa. Ao mesmo tempo em que a população participava das brincadeiras violentas do Entrudo usava-se atrair nas pessoas além das bisnagadas de água, cal, polvilho, limões e outras coisas menos recomendáveis, o que sempre ocasionava graves ferimentos e brigas homéricas), começaram também a surgir festas fechadas, os bailes de máscaras nos teatros e nas agremiações que iam sendo criadas.

Em 1846, o português Praxedes nacionalizou um ritmo trazido de Portugal, o "Zê Pereira", promovendo barulhentas passeatas pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, com enorme cantoria acompanhada por instrumentos de percussão. Iniciou-se assim, de forma gradativa, a separação entre o Carnaval fechado e o Carnaval de rua, este ainda na forma de entrudo. Nos bailes predominavam as músicas européias, enquanto nas ruas intensificava-se o antigo costume: o Entrudo tornou-se ainda

mais bárbara, com a utilização de bacias e bisnagas d'água, além dos limões que eram enchidos com xixi e o costume de se lançar nas pessoas qualquer objeto que estivesse ao alcance. Em 1855 apareceu o lança-perfume metálico; em 1904 o Entrudo foi declarado ilegal pelo então prefeito do RJ, Pereira Passos. Em 1908, também no Rio de Janeiro, inaugurou-se o "High Life", em cujos bailes carnavalescos dançava-se valsas, tangos e até quadrilhas. Nessa época as fantasias eram de origem tipicamente européias (Arlequins, Palhaços, Pierrots), fugindo à identificação com a nossa cultura... nos blocos e nos cordões então existentes aconteciam batalhas de conetes, de serpentinas e nestes a alegria era bem mais explícita que nos salões... Na São João d'El-Rey de 1879, conforme Cintra, o Carnaval foi realizado na Rua Direita, sob o patrocínio da "Sociedade Juvenil", ocasião em que a rua converteu-se em um bosque e aí, ao som da música, os mascarados se divertiam, distribuindo graças e flores. Em 1882 a violência do entrudo provocou desavenças na cidade... Em 1833 milhares de limões-de-cheira quebraram-se, dúzias e dúzias de bisnagas esvaziaram-se e houve seringadas bravias e banhos frios a valer.

Em 1899, no Rio de Janeiro, Chiquinha Gonzaga compôs para o cordão "Rosa de Ouro" o famoso "Ó Abre Alas". A escravidão estava terminada e a ocorrência da Guerra de Canudos levou para o Rio de Janeiro uma leva de pretos baianos e ex-escravos que sempre se reuniam para fazer seus batuques. Em 1917 publicou-se o primeiro samba, "Pelo Telefone", de Donga. Em 1928 criou-se a primeira Escola de Samba no RJ. Em 1929 acontece o primeiro desfile e em 1930 o primeiro concurso de músicas carnavalescas. Era a época dos corsos (desfile com pessoas em automóveis) e foi também a época em que o rádio tocava as músicas preparadas para a festa. Entre 1920 e 1940 aconteceu um novo tipo de Carnaval: era o advento do carnaval ingênuo e individual, época das fantasias de rua, com qualidades rítmicas, vocais e criativas bastante peculiares que saíam para as ruas travestidos de diabos, morcegos, caveiras, morte, bobos e palhaços, lanceiros e soldados, decorando a festa com

muitas cores, alegria e ruídos.

O Estado tentou oficializar os festejos carnavalescos entre o sábado e a terça-feira, como forma de transformá-los em atração turística, tal como são os portentosos e milionários desfiles no sambódromo do Rio de Janeiro. Mas, parecendo ser um protesto contra essa oficialização, disseminaram por toda a parte os carnavais fora de época, dito "antecipados"; acontecem os pré-carnavais, que começam praticamente a uma semana antes das festas oficiais, com desfiles de animadas bandas e blocos, fundindo esta antecipação com os dias normais da folia, avançando-se até a quarta-feira de cinzas, mostrando e ampliando a tendência de liberdade que deu origem ao evento, fazendo ver que a festa não pode e nem deve ocorrer somente em um período pré-determinado. Podemos constatar bem estes fatos no carnaval de rua em São João d'El-Rey, assim como também no de Salvador-BA (que optou pelos trios elétricos que arrastam multidões!) e nos parecidos que intermináveis grupos de Frevo e Maracatu que saem alegremente pelas ruas de Recife e Olinda-PE.

Na nossa cidade, com base nos subsídios oferecidos pelo Poder Executivo Municipal, as agremiações carnavalescas, reunidas, tentam apresentar um bom desfile na passarela da Av. Presidente Tancredo Neves. Blocos e Escolas disputam o patrocínio oficial, ficando de olho quase que apenas na verba do erário, praticamente não oferecendo nenhuma contrapartida própria. Como já dito, infelizmente não se vê mais a criatividade e a grandiosidade daqueles grandes Blocos e formidáveis Escolas de Samba que fizeram história no nosso Carnaval... Nem mesmo os Clubes tradicionais promovem os concorridos Bailes carnavalescos de outrora... O Carnaval são-joanense parece estar agonizante... vai sobrevivendo heróicamente através da tradição herdada do seu tempo áureo, e se não houver ações rápidas e eficazes, a tendência é a festa se acabar de vez como espetáculo e como atração turística, transformando-se aos poucos em reduzidos e desanimados Blocos de Sujos ou em simples batuques de esquina... Iremos permitir que isto aconteça?!

JORNAL DE MINAS

(São João del-Rei - MG, ano III, edição 33, primeira quinzena de fevereiro de 2004, pág. 2)